

A idolatria política e suas consequências na sociedade

Political idolatry and its consequences in society

THALES FERREIRA BILA

E. E. Ilídio da Costa Pereira
E-mail: thalesbila@gmail.com

WENDELL COSTA BILA

Doutor em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São João del Rei
E-mail: wendellbila1@gmail.com

Resumo: Este estudo objetivou apresentar conceitos relacionados à idolatria no campo político e propor uma discussão à luz de aspectos filosóficos que se fazem presentes na sociedade. Foi feita uma revisão da literatura, nos idiomas inglês e português, publicados a partir de 2011, nas bases de dados Scielo, Eric (Educational Resources Information Centre), Periódicos Capes e Science, utilizando-se de descritores em português e seus respectivos em inglês. Os resultados revelaram que “imagem” é uma palavra neutra e não carrega a carga negativa e condenável que tem a palavra “ídolo”. Não existe demonização do Estado em específicos setores sociais e econômicos, mas sim a idolatria dele por parte majoritária dos brasileiros. Concluiu-se que a idolatria por seres e figuras mundanas sempre esteve e estará presente na história do ser humano, aliada a carências e a necessidades de acreditar em algo que proporcione uma esperança.

Palavras-chave: Política. Sociedade. Idolatria.

Abstract: This study aimed to present concepts related to idolatry in the political field and proposes a discussion in the light of philosophical aspects that are present in society. A literature review, in English and in Portuguese, was carried out with publications as of 2011, in the Scielo, Eric (Educational Resources Information Centre), Capes and Science periodicals databases, using descriptors in Portuguese and their respective ones in English. The results revealed that “image” is a neutral word and does not carry the negative and reprehensible charge that the word “idol” has. There is no demonization of the State in specific social and economic sectors, but its idolatry by the majority of Brazilians. It was concluded that idolatry for mundane beings and figures has always been and will be present in the history of human beings, combined with needs and the need to believe in something that provides hope.

Keywords: Politics. Society. Idolatry.

1 INTRODUÇÃO

Vários aspectos são associados ao conceito de idolatria. Nesse cenário, o ser humano adora a criatura, no lugar do criador; alguns adoram a própria alma, outros a vida fecunda ou mesmo os animais, chegando aos seres meramente corporais sem vida, começando pelos mais belos (como o sol), com outras pessoas adorando a lua, ou todo o firmamento com as estrelas. Nota-se, além disso, que o ser humano, ao olhar a totalidade dos seres, entende que isso seja o único Deus grandioso. Pode-se dizer da idolatria a preferência pelo simulacro, e não a fonte originária absoluta de todas as coisas (GRACIOSO, 2019).

A rigor, a crise é inerente à vida, individual e social. Compreendemos que nada está estático, mas, sim, em permanente transformação. O mundo físico se transforma, mesmo que sem a intervenção do homem, apenas pela ação de elementos da natureza, como o ar, a água, o fogo e as partículas físicas. Uma pedra é moldada, seja pela ação do vento, seja pela ação da água ou mesmo do fogo. Um organismo biológico cresce, desenvolve-se e está sendo transformado permanentemente, mesmo depois que a chamada vida se extingue. Da mesma maneira, o mundo social também está em permanente transformação. As sociedades mudam, inclusive as formas como os humanos se relacionam, organizam-se, trabalham e divertem-se. Sim, essas mudanças estão, muitas vezes, relacionadas ao desenvolvimento da técnica e do conhecimento, resultado do próprio desenvolvimento humano. Será que isso significa que todas as crises trarão resultados positivos? Que as mudanças são sempre boas ou, ao menos, desejáveis? (REGO; PALÁCIOS, 2016).

Muitas manifestações sociais são, algumas vezes, observadas em momentos específicos da história. De acordo com Gohn (2018), um exemplo disso está ligado às manifestações de junho de 2013 ocorridas, organizadas a partir da convocação de grupos de jovens, o que atribuiu novos significados às lutas sociais. Nota-se que, anteriormente a esse momento, pesquisas já indicavam o protagonismo dos jovens nas redes sociais (GOHN, 2018).

O objetivo do presente estudo é apresentar conceitos relacionados à idolatria no campo político e propor uma discussão à luz de aspectos filosóficos que se fazem presentes na sociedade.

2 METODOLOGIA

Foi feita uma revisão da literatura período de 07 de abril a 05 de junho de 2021. Foram definidos como critérios de inclusão para essa revisão os estudos nos idiomas inglês e português, publicados a partir de 2011. Realizou-se a pesquisa nas bases de dados eletrônicas Scielo, Eric (*Educational Resources Information Centre*), *Periódicos Capes e Science*, sempre se mesclando os termos descritores, em português, “política”, “sociedade”, “idolatria”, “moralismo”, “falso moralismo”, “falso moralismo político” e, em inglês, “politics”, “society”, “idolatry”, “moralism”, “false moralism”, “political false moralism”, utilizando-se o operador booleano “and”.

3 RESULTADOS

Inicialmente, foram encontrados 1942 trabalhos e, ao final, permaneceram para a composição do presente estudo 7 artigos (Quadro 1). A estratégia de busca e seus respectivos resultados estão descritos em Anexo.

Quadro 1 – Artigos incluídos no estudo, conforme autoria e ano de publicação, tipo de estudo, país de origem e principais resultados, entre os anos de 2011 e 2021.

AUTOR E ANO DE PUBLICAÇÃO	TIPO DE ESTUDO	PAÍS DE ORIGEM	PRINCIPAIS RESULTADOS
Dietrich (2016)	Revisão narrativa	Brasil	Apresenta um conceito de idolatria não tanto relacionado às imagens em si, mais como um grito no combate às injustiças, violências e desigualdades sociais.
Gohn (2018)	Pesquisa qualitativa	Brasil	É preciso atentar para o futuro da democracia e os novos tipos de cultura política que estão sendo construídos, e para suas possibilidades de desenvolvimento
Gracioso (2019)	Revisão narrativa	Brasil	Na medida em que o homem entende, aceita e realiza o processo de retorno ao absoluto, tem condições de superar a impiedade e a idolatria, recordando e reconciliando-se com o absoluto divino, princípio originário de criação.
Kibuuka (2020)	Revisão narrativa	Brasil	As falsas dicotomias acreditadas e endossadas ainda mais radicalmente na maior crise de saúde da história recente no Brasil tornaram-se prejudiciais à população.
Oliveira (2020)	Revisão narrativa	Brasil	Apresenta a relevância da “dimensão política” para compreender o processo de emergência e de desenvolvimento de protestos e mobilizações contra a corrupção.
Oliveira e Gadelha (2016)	Pesquisa de análise temática	Brasil	Os estudantes, majoritariamente, idolatram o Estado brasileiro.
Rego e Palácios (2016)	Revisão narrativa	Brasil	O fortalecimento do individualismo na sociedade de consumo é inerente a este; os projetos de vida coletiva precisam valorizar a política e a busca de uma ética mínima, que possibilite a convivência.

Fonte: dados da pesquisa, 2021.

3.1 ASPECTOS FILOSÓFICOS DA IDOLATRIA

Há uma interessante possibilidade de abordagem que diz respeito ao culto que o homem produz dos seus próprios pensamentos, até que alguém consegue vislumbrar a impossibilidade de se encontrar algo digno de ser cultuado. Percebe-se então neste momento que nada merece adoração. Dessa maneira, segundo essa perspectiva, o que

de fato existe é uma realidade histórica de escravidão, pois os homens eventualmente se envolveram com superstições e se submeteram a coisas que não são dignas de tal ato (GRACIOSO, 2019).

Uma consequência desse fato evidencia que aquelas pessoas, para não se escravizarem, em alguns momentos se recusaram a adorar qualquer ser, e então eles próprios se tornaram escravos de outras coisas inferiores a eles (GRACIOSO, 2019).

Assim, o homem, ao desejar possuir uma independência absoluta de Deus, tornou-se escravo de outras realidades, colocando-se numa condição de extrema miserabilidade, na qual predominam os três grandes vícios ou desordens, ou seja, a concupiscência da carne, dos olhos e a ambição dos séculos. De acordo com Agostinho, (*apud* GRACIOSO, 2019), a sensualidade, a curiosidade e o orgulho passam a ter uma força muito grande sobre a realidade humana, indicando assim a situação difícil dos amantes dos prazeres mais baixos, dos curiosos e dos soberbos (GRACIOSO, 2019).

“Imagem” é uma palavra neutra, não carrega a carga negativa e condenável que possui a palavra “ídolo” e, especialmente no mundo católico e no das religiões afro-brasileiras, qualquer pessoa poderia dizer que “na cabeceira de minha cama tenho três imagens”, mas nenhuma dessas pessoas diria “na cabeceira de minha cama tenho três ídolos!” Também os afiliados aos terreiros do candomblé, tambor de mina, batuques, umbanda, santerias e outras religiões que fazem uso de imagens em seus cultos não iriam referir-se a essas imagens chamando-as de “ídolos” (DIETRICH, 2016).

3.2 A DEMONIZAÇÃO DO ESTADO

De acordo com de Souza (2015, *apud* OLIVEIRA; GADELHA, 2016), existe demonização do Estado em específicos setores sociais e econômicos e, nesse aspecto, pode-se observar, a título de exemplo, no aspecto da tributação, o desejo por um Estado menor, menos ativo, como sujeito arrecadador dos recursos privados gerados pelo indivíduo (OLIVEIRA; GADELHA, 2016).

Essa observação também pode ser evidenciada na defesa do Estado mínimo brasileiro, quando boa parte de estudantes afirmam que a redução da carga tributária contribui para o crescimento social e econômico do Brasil. É importante salientar que, segundo Mendes (*apud* OLIVEIRA; GADELHA, 2016), quando a carga tributária é reduzida, o poder estatal diminui sua participação na economia no âmbito da arrecadação de tributos (OLIVEIRA; GADELHA, 2016).

Aproveitando esse contexto, a defesa por carga tributária menor expõe contradição entre os estudantes. Ao mesmo tempo em que eles defendem o *ProUni*, *Fies* e o *Bolsa Família*, políticas sociais que requerem recursos do Estado, eles são favoráveis à redução da carga tributária. Quanto menor a carga tributária, menor poderá ser a capacidade de o poder estatal ampliar e até financiar políticas públicas, como as citadas anteriormente. Sendo assim, tal contradição pode ser originária da baixa informação que se tem da relação causal mostrada (OLIVEIRA; GADELHA, 2016).

Os dados de Lamounier e Souza, e Almeida (*apud* OLIVEIRA; GADELHA, 2016) revelam a situação da opinião pública brasileira em relação à demonização do Estado. Com base nesses autores, não existe demonização do Estado, mas sim a idolatria dele por parte majoritária dos brasileiros (OLIVEIRA; GADELHA, 2016).

3.3 A SOCIEDADE E A POLARIZAÇÃO POLÍTICA

As mobilizações na primeira metade da década de 2010 afetaram o campo da política e a correlação das forças político-partidárias, no sentido do tensionamento. A democracia ampliou-se e abrigou grupos e movimentos com outros repertórios, outras linguagens e *performances* diferentes das usuais nas ruas até então, onde se observava a hegemonia de movimentos clássicos (liderados por sindicatos e movimentos populares de lutas pela terra e por moradia), ou bandeiras dos “novos” movimentos advindos da década de 1980 (com demanda identitárias de gênero, raça, sexo, faixa etária, ou demandas ambientalistas) (GOHN, 2018).

Uma pesquisa realizada em manifestações populares na cidade de São Paulo em junho de 2013 constatou que a participação em sua maioria possuía diploma universitário (77%) e menos de 25 anos (53%). Esses resultados foram também corroborados por uma pesquisa nacional realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), no mesmo período, na qual a idade predominante estava na faixa de 14 a 24 anos (43%). Entre 14 e 29 anos de idade, a soma subia para 63% do total, o que configura um novo ciclo no campo das mobilizações da sociedade civil no Brasil (GOHN, 2018).

Novíssimos movimentos sociais ganharam os holofotes da mídia em junho de 2013, com demandas e propostas na área da mobilidade urbana que ultrapassavam o local e remetiam para outras formas de gestão da coisa pública. Grupos de jovens inspirados por ideais dos autonomistas entraram em cena, na figura do Movimento Passe Livre (MPL) (GOHN, 2018).

Nesse sentido, uma forte polarização política marcou a última disputa eleitoral, estimulada por acusações de corrupção na Petrobrás, empresa estatal de economia mista, que foi difundida pela chamada operação “Lava jato” e recebeu repercussão mundial pela mídia. Tal fato não só possibilitou a união das forças de oposição ao então governo, mas também, principalmente, serviu como base e novamente fortalecimento das organizações “antipetistas”, ou seja, a associação entre corrupção e o partido governista (Partido dos Trabalhadores, PT) (OLIVEIRA, 2020).

Esse cenário aumentou o sentimento a favor da saída da então presidente Dilma Rousseff, como o único caminho em curto prazo para o fim da corrupção no Brasil. Portanto, de acordo com Tatagiba e Santos (*apud* OLIVEIRA, 2020), imediatamente após os resultados que levaram à reeleição de Dilma Rousseff terem sido liberados, protestos contra a presidente e o governo do PT ocorreram, especialmente por organizações chamadas liberais e conservadoras, com importante presença de figuras de oposição (OLIVEIRA, 2020).

No ano de 2015, após sucessivas mobilizações e protestos em massa, a defesa do *impeachment* tornou-se a principal bandeira de grupos e organizações. Tais protestos demonstraram a força da mobilização do “antipetismo”, que também passou a ser associada a “anti-esquerdismo”, “anti-partidarismo”, “anti-estatismo”, rejeição da classe política etc. Assim, é em torno da polarização entre “esquerda” e “direita” que, nessa

fase, articulam-se os diferentes antagonismos entre os vários grupos em conflito. Com isso, segundo os apontamentos de Miguel (*apud* Oliveira, 2020), é também nesse momento que o uso dessas categorias como uma forma de identificação, expressão e denúncia política surge com mais força nas discussões e embates políticos (OLIVEIRA, 2020).

3.4 AÇÕES GOVERNAMENTAIS NO CENÁRIO PANDÊMICO

A reação do Governo Federal à situação pandêmica relacionada ao COVID-19 envolveu a permissão aos estados da federação tomarem medidas emergenciais a despeito do Governo Federal por meio da elaboração de Medida Provisória (MP), cujo texto previa que somente o presidente seria competente para determinar medidas, como o fechamento de aeroportos e rodovias federais (KIBUUKA, 2020).

No dia seguinte à criação da referida MP, em videoconferência com prefeitos de grandes cidades brasileiras, o presidente Jair Bolsonaro voltou a dizer que a pandemia do COVID-19 foi parte de “um grande alarmismo de grande parte da mídia”, criticando a comparação de números entre Brasil e Itália. No mesmo dia, Ian Bremmer, fundador e presidente do Eurasia Group, uma das mais importantes consultorias do mundo em risco político, disse, em sua conta no Twitter, que havia muita competição, mas o líder mundial mais ineficaz à resposta correta ao coronavírus iria para o presidente Jair Bolsonaro do Brasil (KIBUUKA, 2020).

Embora haja no governo do atual presidente Jair Bolsonaro uma tentativa de demonstrar popularidade por meio de manifestações pró-governo, ocorreram também ações dentro do próprio governo para a construção de uma política de gestão de crises de saúde pública. A reação inicial do Ministério da Saúde, sob a responsabilidade do então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, foi o estabelecimento de medidas para atender à emergência de saúde pública de importância internacional, decorrente da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19), estabelecendo protocolos para o enfrentamento da doença, prevendo quarentena, isolamento e exames. Nesse cenário político, houve, por parte do governo, reforço em convocações de manifestações contra os demais poderes da república, como o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal (KIBUUKA, 2020); por razões político-ideológicas, houve a queda do então Ministro e algumas alterações de rumo daquele Ministério da Saúde contra o COVID-19.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No campo religioso, é sabido que o único a ser adorado é o próprio Deus e, ao longo da história da humanidade, sempre existiu a necessidade de se ter algo ou alguém como referência de estilo de vida, de preceitos, de princípios. Durante os últimos anos, os populares brasileiros, principalmente a elite intelectual, vêm travando uma guerra bilateral, constituída pela “Esquerda Comunista” e a “Direita Conservadora”. Na política, é importante refletirmos e observarmos as verdadeiras intenções dos eleitos, especialmente no que diz respeito à coerência das ideias de campanha, com cuidado sobre as idolatrias infrutíferas, por necessidade, esperança ou benefícios. A idolatria por

seres e figuras mundanas sempre esteve e estará presente na história do ser humano, aliada a carências e a necessidades de acreditar em algo que proporcione uma esperança.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. Anti-corruption protests, alliance system and political polarization. **Rev. Ciênc. Soc.**, v. 20, n. 3, p. 339-453, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/6nX5fXJFVH9kDqcBzy8cwMd/?lang=en&format=pdf>.

DIETRICH, Luís José. Quando imagens passam a ser consideradas ídolos. **Theol. Xave**, Bogotá, v. 66, n. 181, p. 103-122, jan./jun. 2016.

GOHN, Maria da Glória. Jovens na política na atualidade: uma nova cultura de participação. **Cad. CRH**, Salvador (BA), v. 31, n. 82, p. 117-133. 2018.

GRACIOSO, Joel. Idolatria, ordem e beleza: o caminho de retorno ao Absoluto segundo o De Vera religione de Santo Agostinho. **Trans/Form/Ação**, Marília (SP), v. 42, p. 159-170. 2019.

KIBUUKA, Brian Gordon Lutalo. Complicity and synergy between Bolsonaro and Brazilian Evangelicals in COVID-19 Times: adherence to scientific negationism for political-religious reasons. **Int J Lat Am Relig.**, v. 4, n. 2, p. 288-317. 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s41603-020-00124-0.pdf>

OLIVEIRA, Adriano; Carlos GADELHA. Idolatria ou demonização: o que os candidatos do ENEM pensam do Estado? **Revista Observatório**, Palmas (TO) v. 2, n. 1, p. 345-359, 2016.

REGO, Sérgio; Maria PALÁCIOS. Ética e democracia em tempos de crise. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 40, p. 63-72, 2016.

ANEXO

Fluxograma utilizado no processo de seleção dos artigos e resultados de busca

